

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LISIANE CHIARADIA

**FAZ-DE-CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PREVENÇÃO DE DIFICULDADES E
PROMOÇÃO DE APRENDIZAGENS.**

PORTO ALEGRE

1º SEMESTRE

2010

LISIANE CHIARADIA

**FAZ-DE-CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PREVENÇÃO DE DIFICULDADES E
PROMOÇÃO DE APRENDIZAGENS.**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora Prof^a Dr^a Luciana Vellinho Corso

PORTO ALEGRE

1º SEMESTRE

2010

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... à minha família, por estar sempre presente e dando força em momentos difíceis;

... agradeço aos meus colegas e amigos pelo apoio e estímulo.

... à minha orientadora, Dr^a Luciana Vellinho Corso, por suas preciosas orientações, pela sabedoria, dedicação e paciência fundamentais para a conclusão deste trabalho.

... agradeço com emoção a todas as pessoas que participaram da realização deste trabalho, em especial aos pequenos da minha turma de estágio, acompanhada de muita alegria que representa uma tarefa cumprida, um sonho que se torna possível.

RESUMO

O presente estudo refere-se à relevância do lúdico, em especial da brincadeira de faz-de-conta, para o desenvolvimento infantil. Teve como objetivo revisar e aprofundar conhecimentos sobre o tema, problematizar a importância das situações lúdicas no processo de ensino-aprendizagem, assim como refletir sobre algumas de minhas inquietações, surgidas no período de estágio. Duas questões nortearam o trabalho: Um projeto que valorize o faz-de-conta pode atender a diversidade característica das crianças nesta fase de desenvolvimento? Uma educação que valoriza o faz-de-conta promove o desenvolvimento e previne as dificuldades de aprendizagem? O referencial teórico utilizado está baseado nas teorias de Piaget, Vigotsky e alguns autores da área de psicopedagogia. A partir do aprofundamento do tema e análise da prática de estágio curricular, em que utilizei um projeto que possuía como fio condutor o faz-de-conta, percebi que esta brincadeira é mais ampla do que apenas ensinar conteúdos de forma lúdica, pois ela possibilita atender às crianças em seus diferentes tempos, ritmos e formas de aprender. Posso assim afirmar que, através do comprometimento em assegurar tempo e espaço para brincar, o educador contribui, decisivamente, para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, destacando que a brincadeira de faz-de-conta é uma rica experiência que propicia uma aprendizagem significativa e prazerosa.

Palavras-chave: Educação Infantil, Faz-de-Conta, Diversidade

SUMÁRIO

Introdução	6
1. Definindo o faz-de-conta	8
1.1 Jogo simbólico do faz-de-conta – visão de Piaget	9
1.2 O brinquedo – visão de Vigotsky	11
2. A relevância do faz-de-conta na educação infantil	13
2.1 A desvalorização do faz-de-conta na escola de educação infantil.....	14
2.2 O faz-de-conta e o desenvolvimento infantil	15
3. Projeto Corrida Volta ao Mundo	18
4. Contribuições do faz-de-conta na Educação infantil	27
4.1 Faz-de-conta na educação infantil: uma possibilidade de atender a diversidade.	27
4.2 Faz-de-conta na educação infantil: uma possibilidade de prevenção de dificuldades.....	31
Considerações finais	36
Referências Bibliográficas	39

Introdução

Pouco se discute sobre o fato de que brincar é coisa de criança. Brincar é a linguagem natural dos pequenos e a mais importante delas. Através das brincadeiras, eles podem expressar suas idéias, sentimentos e conflitos. Assim como, elas são fontes de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança e também é uma forma de auto-expressão.

No entanto, quando se trata de brincar na escola de educação infantil, principalmente no “Jardim B”, último ano da educação infantil, nem sempre existe tanta clareza. Principalmente nesta etapa, a alfabetização, em algumas escolas, passa a ser mais valorizada, em detrimento do lúdico, ignorando as dimensões educativas da brincadeira e do jogo no processo de letramento e alfabetização.

Ao longo da minha formação acadêmica tenho percebido a importância do brincar, do lúdico, da fantasia, do faz-de-conta no desenvolvimento infantil. Mas, foi no estágio curricular, etapa obrigatória para formação no curso de pedagogia, que pude perceber, na prática, essas questões. Bem como lembra Fortuna (2003):

É necessário que o educador insira o brincar em um projeto educativo, o que supõe intencionalidade, ou seja, ter objetivos e consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem infantis.

A partir dessa convicção, elaborei meu projeto de estágio apoiada no faz-de-conta. Com ele certifiquei-me de que é possível desenvolver muitas aprendizagens brincando, aprendizagens estas envolvendo as mais diversas áreas do conhecimento como história, geografia, matemática, ciências, artes, além da leitura e escrita.

Acredito que o educador em sua prática docente exerce grande influência na promoção da imaginação no contexto escolar. Quando escolhe e posiciona os jogos, brinquedos e brincadeiras a serem oferecidas, o educador coloca o seu desejo, suas convicções e suas hipóteses acerca da infância e do brincar. Por isso, é fundamental que o educador insira o brincar em um projeto educativo, o que supõe intencionalidade, ou seja, ter objetivos e consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem infantis.

A partir das minhas inquietações surgiram algumas questões que vão nortear este trabalho. Um projeto que valorize o faz-de-conta pode atender a diversidade característica das crianças nesta fase de desenvolvimento? Uma educação que valoriza o faz-de-conta promove o desenvolvimento e previne as dificuldades de aprendizagem?

Com o objetivo de refletir sobre tais questões irei analisar os benefícios de um planejamento que aborda essa temática na educação infantil. No primeiro capítulo, defino o que é o faz-de-conta, apoiada nas teorias de Piaget e Vigotsky. No segundo capítulo, abordo a relevância do brincar e do faz-de-conta no desenvolvimento e aprendizagem do sujeito infantil e problematizo a desvalorização do mesmo nas escolas. No terceiro capítulo, ilustro um projeto que utilizou o faz-de-conta como fio condutor. Enfim, no quarto capítulo, faço algumas considerações acerca das minhas inquietações iniciais.

Assim, entrelaçando essas questões finalizo expondo algumas contribuições do faz-de-conta para o processo educativo, demonstrando a importância do seu papel no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Destacando que a brincadeira de faz-de-conta é uma rica experiência que propicia uma aprendizagem significativa e prazerosa auxiliando na prevenção de dificuldades.

1. Definindo o faz-de-conta

Uso a expressão faz-de-conta com o sentido de ser uma conduta lúdica da criança que recorre à expressão dramática, à fantasia e à imaginação. A brincadeira de faz-de-conta começa por volta dos dois anos e à medida que evolui, assume diferentes funções, dependendo do contexto em que se realiza.

Conforme aponta Santos (1998), primeiramente os pequenos executam no faz-de-conta ações que não conseguem realizar no cotidiano, seja por incapacidade motora, falta de força física ou por imposição do adulto. Assim, a criança é privada de uma série de tarefas que despertam sua curiosidade, o que gera muita frustração. Então, ela busca realizar seus desejos através do faz-de-conta.

Em um segundo momento a criança busca no faz-de-conta a superação de situações desagradáveis. Sensações de medo, dor ou tensão podem ser superadas ao serem vivenciadas através da fantasia. Podemos dizer que o faz-de-conta é a forma como a criança reflete os valores e constrói sua visão de mundo.

A crescente busca de aproximação ao real caracteriza o faz-de-conta na fase dos quatro aos sete anos. A criança procura adequar os movimentos corporais, sua expressão vocal e a composição de cenários, buscando copiar, tanto quanto possível, os modelos reais. É nessa fase que surge o simbolismo coletivo, a capacidade de organização e o desenvolvimento da imitação acarretará em uma maior diferenciação de papéis (Santos, 1998).

A brincadeira de faz-de-conta permite não só a entrada no imaginário, mas a expressão de regras implícitas que se materializam nos temas das brincadeiras. É importante ressaltar que o conteúdo do imaginário provém de experiências anteriores adquiridas pelas crianças, em diferentes contextos.

Sendo assim as idéias e as ações expostas pelos pequenos nas suas brincadeiras provêm do mundo social, incluindo a família e seu círculo de relacionamento, o currículo apresentado pela escola, as idéias discutidas em classe, os materiais e os pares (Kishimoto, 1995).

Vale citar a inexistência de uma terminologia única para designar faz-de-conta. Enquanto Vigotsky fala do brinquedo, Piaget fala do jogo simbólico, e pode-se dizer, segundo Oliveira (2000), que são correspondentes.

Esses dois autores foram muito importantes para o entendimento do uso da brincadeira no desenvolvimento infantil. Piaget, procurando elucidar a atividade da criança a partir de uma psicologia da inteligência e Vigotsky, pesquisando processos de mudança na história do sujeito, na busca de uma psicologia historicamente fundamentada.

1.1 Jogo simbólico do faz-de-conta – visão de Piaget

Em suas pesquisas Piaget mostra que o jogo é essencial na vida da criança, pois no jogo, ela se apropria daquilo que percebe da realidade. Nessa teoria os jogos são classificados segundo sua evolução, em três grandes estruturas, que caracterizam a evolução do jogo na criança de acordo com a fase de seu desenvolvimento. O primeiro é denominado jogo de exercício, ele se desenvolve na fase sensório-motora, que vai desde o nascimento até os dois anos aproximadamente. Neste tipo de jogo a criança brinca sozinha, sem utilização da noção de regras.

Em seguida aparece o jogo simbólico. Este jogo acontece na fase pré-operatória, que vai dos dois aos seis anos aproximadamente. Este tipo de jogo consiste na representação de um objeto ausente e é considerado atividade essencialmente humana.

Na última fase, operações concretas, se desenvolvem os jogos de regras, que vai dos sete aos onze anos aproximadamente. Nele as crianças aprendem as regras dos jogos e jogam em grupos (Piaget, 1978).

Aqui para nós interessa o jogo simbólico. Os jogos simbólicos mostram a dimensão do simbolismo e da ficção. Para Piaget (1978), todo jogo simbólico é um jogo de imitação e de imaginação, é uma coisa e outra, ao mesmo tempo. Nele, a criança estrutura afetivamente o mundo à sua volta, trabalha internamente seus

medos, conflitos, desejos, identificações. É um mundo que se abre a partir da imitação e da criação de seus personagens.

Piaget divide os jogos simbólicos por fases e aqui nos interessa em especial a fase do simbolismo coletivo. Nessa fase, os pequenos, através do faz-de-conta, já conseguem elaborar cenas inteiras em que assumem condutas que observam na sua interação com o mundo. Esse jogo chamaremos aqui de jogo simbólico do faz-de-conta.

No jogo simbólico do faz-de-conta observa-se a gradativa aproximação com o real descrito por Piaget como “deformação lúdica”. Nessa etapa do jogo simbólico, o pensamento egocêntrico evolui no sentido da reciprocidade, fazendo surgir o jogo de grupo organizado, cuja qualidade fundamental é uma crescente adaptação social (Santos, 2002).

Nessa fase, existe uma preocupação crescente no jogo pela exatidão da imitação da realidade. Neste período, o símbolo lúdico evolui no sentido de uma simples cópia do real e somente o tema geral da cena segue sendo simbólico, enquanto os detalhes tendem a uma acomodação precisa e a uma adaptação propriamente inteligente.

O simbolismo coletivo propriamente dito é, portanto, diferenciado e adequado aos papéis assumidos no jogo. A partir dos quatro anos, cada vez mais, os papéis se diferenciam e se fazem complementares nos jogos simbólicos.

Na perspectiva de Piaget, as crianças são as próprias construtoras ativas do conhecimento, constantemente criando e testando suas teorias sobre o mundo. Grande parte desse conhecimento é adquirida através das zonas do conhecimento onde os jogos e brincadeiras infantis têm sua principal influência, onde as noções de regras são criadas, a socialização se faz presente, o simbólico é exercitado, além do físico e o mental. Nessa teoria a atividade lúdica é apresentada como berço obrigatório das atividades intelectuais da criança sendo por isso, indispensável à prática educativa.

1.2 O brinquedo – visão de Vigotsky

Na perspectiva de Vigotsky, o jogo é uma atividade específica da infância, em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. Um aspecto importante apresentado pelo autor é que, no faz-de-conta, a criança passa a dirigir seu comportamento pelo mundo imaginário, isto é, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias. Assim, do ponto de vista do desenvolvimento, o jogo de faz-de-conta pode ser considerado um meio para desenvolver o pensamento abstrato.

A criação de uma situação imaginária não é algo ocasional na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. Como expõe este autor o faz-de-conta estimula a curiosidade e a autoconfiança, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção (Vigotsky, 2008).

O brinquedo, como o autor chama o faz-de-conta, é o envolvimento da criança num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados. Durante a brincadeira, todos os aspectos importantes da vida da criança tornam-se tema do jogo.

Nessa teoria Vigotsky (idem) estabelece uma relação estreita entre o jogo e a aprendizagem. Ao desenvolver o faz-de-conta a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores, atribuindo-lhes significados que estão muito distantes das suas possibilidades efetivas.

O autor nos faz refletir, complementando a idéia da fase do simbolismo coletivo do Piaget, que não é o caráter de espontaneidade do jogo que o torna uma atividade importante para o desenvolvimento da criança, mas sim, o exercício no plano da imaginação da capacidade de planejar, imaginar situações diversas, representar papéis e situações do cotidiano, bem como, o caráter social das situações lúdicas, os seus conteúdos e as regras inerentes a cada situação.

O autor ressalta que a imaginação adquire função importante no desenvolvimento humano, pois possibilita a ampliação das experiências humanas já que pela capacidade imaginativa podem-se relatar experiências não vividas como

experiências históricas ou sociais, desta maneira a imaginação também auxilia na experiência (Vigotsky 1987).

Podemos sintetizar dizendo que: a regra e a situação imaginária caracterizam o conceito de jogo infantil para Vigotsky. Essa é uma atividade social, com contexto cultural e social.

Fazendo uma reflexão sobre ambos os autores que deram enorme contribuição a cerca do brincar e sobretudo sobre a brincadeira de faz-de-conta, Bomtempo (1997) e Brande (2006), nos ajuda a sintetizar as teorias desses dois autores fazendo um contraponto entre os mesmos.

É clara a posição de Vigotsky (2008) ao afirmar que o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, o que é favorecido pelas interações da criança com as pessoas do seu ambiente e pelos aspectos sócio-culturais presentes nessas interações.

Por outro lado, para Piaget (1978), o desenvolvimento e o aprendizado são processos separados. Considera-se que o desenvolvimento explica a aprendizagem. O desenvolvimento é um processo que se relaciona com a totalidade de estruturas do conhecimento. O desenvolvimento do conhecimento é um processo espontâneo, ligado ao processo global da embriogênese. A embriogênese diz respeito ao desenvolvimento do corpo, mas também ao desenvolvimento do sistema nervoso e ao desenvolvimento das funções mentais. A aprendizagem apresenta o caso oposto. Em geral, a aprendizagem é provocada por situações externas. Portanto, a fonte do conhecimento da criança está na variedade de situações concretas que ela tem oportunidade de vivenciar e na organização lógica que essas interações vão assumindo em seu pensamento.

O mais importante a se considerar é que ambas as teorias pressupõem um papel ativo do sujeito ao construir o conhecimento. Assim, nos ajudando a refletir sobre os momentos de faz-de-conta que proporcionamos para as crianças na sala de aula, como uma situação privilegiada para a aprendizagem.

2. A relevância do faz-de-conta na educação infantil

Acredito que a educação, seja qual for a etapa, deve ser uma educação integral, humana, plena de significados e prazeres. Percebo que, por meio do faz-de-conta, pode-se promover uma relação agradável entre desenvolvimento e aprendizagem da criança. Através de uma ação pedagógica que valorize o faz-de-conta a criança aprende brincando, sente prazer em participar, ao mesmo tempo em que, desenvolve os aspectos cognitivo, afetivo e motor.

O educador, no seu planejamento, deve estar atento às atividades oferecidas na sua sala de aula, para que haja respeito às características etárias, psicológicas, motoras, cognitivas e sociais da criança. Nesse sentido, a brincadeira é uma atividade que respeita as especificidades do mundo infantil, além de auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento, como registra Wajskop (2005, p. 35):

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

Observando as brincadeiras que as crianças realizam, vamos notar seu desenvolvimento e as mudanças em seus interesses e nos padrões de seu relacionamento social. Tal observação ajuda bastante no trabalho com uma criança pequena. Quando propomos apenas aulas dirigidas ou programas prontos, estamos desconsiderando o desenvolvimento que observamos a partir das atividades espontâneas da criança através das brincadeiras.

Assim, a possibilidade de desenvolver curricularmente os temas e situações evidenciadas durante o faz-de-conta deve ser considerada pelo professor, pois é neste tipo de atividade, que as crianças demonstram espontaneamente seus interesses e inquietações. Desse modo, o jogo simbólico deve auxiliar os professores a planejarem suas atividades futuras.

Não resta dúvida de que a brincadeira faz parte da vida da criança, lhe propicia prazer e diversão, representa um desafio e estimula o seu pensamento reflexivo. Essa vivência deve ser privilegiada na educação infantil, assim como, também, ser estimulada ao longo do ensino fundamental.

2.1 A desvalorização do faz-de-conta na escola de educação infantil

Uma questão que intriga pais e professores é a “utilidade” do brincar e despende tempo e lugar na escola para isso. Nessa visão, os alunos enquanto brincam, perdem tempo, tempo este que poderia ser empregado na aprendizagem de conteúdos escolares importantes para a obtenção de êxito acadêmico e social no futuro.

Nas escolas de educação infantil, muitos pais acreditam que uma escola é tanto melhor quanto mais atividades extra-curriculares possuir, as chamadas “aulas especializadas”. Podendo assim, desenvolver todas as potencialidades das crianças. Dificilmente eles estão preparados para compreender uma proposta que traz em suas diretrizes a construção do conhecimento dentro dos princípios da pedagogia relacional, que desafia a partir das atividades espontâneas da criança, do jogo, do brinquedo, implicando a construção do conhecimento e a autonomia. Piaget (1978, p. 193) critica as crenças da pedagogia tradicional:

[...] a pedagogia tradicional sempre considerou o jogo como uma espécie de alteração mental ou, pelo menos, como uma pseudo-atividade, sem significação funcional e mesmo nociva às crianças, que ele desvia de seus deveres.

O que tem acontecido é que o conceito de brincar, muitas vezes, é mal interpretado e pouco vivenciado na escola. As atividades de faz-de-conta são vistas por muitos professores como atividades que são dadas quando não se planejou nada para ensinar, quando precisam colocar recados na agenda, ou ainda, como prêmio por bom comportamento dos seus alunos.

Lamentavelmente, em muitas instituições, o faz-de-conta e as brincadeiras ainda não estão presentes nas discussões, no planejamento, nem nas ações pedagógicas. O uso da brincadeira como meio para o processo de ensino aprendizagem é um campo mais discutido do que compreendido e vivenciado (Pereira e Bonfin).

A desvalorização do movimento natural e espontâneo da criança em favor do conhecimento estruturado e formalizado desconhece as dimensões educativas da brincadeira e do jogo como forma rica e poderosa de estimular a atividade

construtiva da criança. Ignorando, que um bom processo de letramento e alfabetização também requerer o uso do lúdico.

Brincar não é uma atividade sem consequência para a criança, pois, além de se divertir, ela recria e interpreta o mundo em que vive. Freddo (2000) justifica o uso da brincadeira com crianças da Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental como aspecto primordial no processo de ensino-aprendizagem.

Os brinquedos e as brincadeiras são excelentes oportunidades para nutrir a linguagem da criança, pois o contato com diferentes objetos e situações estimula a linguagem interna e o aumento do seu vocabulário. O entusiasmo pela brincadeira faz com que a linguagem verbal se torne mais fluente e haja maior interesse pelo conhecimento de palavras novas. A variedade de situações que o brinquedo possibilita pode, ainda, favorecer a aquisição de novos conceitos (Vigotsky, 2008).

2.2 O faz-de-conta e o desenvolvimento infantil

O ato de brincar propicia uma série de experiências mentais, emocionais e motoras fundamentais às crianças. Os processos de aprendizagem e desenvolvimento, embora sejam dimensões diferentes, estão intimamente relacionados entre si e ao meio. Vigotsky (2008, p. 118) afirma que o aprendizado não é o mesmo que desenvolvimento, mas é indispensável para que aquele ocorra:

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento de funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Vigotsky (idem) discutiu o papel do brinquedo para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. A brincadeira possibilita que as crianças criem, imaginem e representem sua realidade e suas experiências. O autor valoriza especialmente as brincadeiras de faz-de-conta nesse processo, que as crianças transitam entre o imaginário e o real. O autor aponta que a criança desenvolve-se, essencialmente, através do brinquedo.

Numa perspectiva histórico-cultural, brincar na infância promove aprendizagem, e conseqüentemente, desenvolvimento (Leontiev, 1988). Ao brincar a criança internaliza os significados construídos socialmente e amplia e expande o mundo sobre o qual passa a agir. Portanto, é uma atividade fundamental no processo de desenvolvimento infantil (Vigotsky, 2008).

Piaget (2008) expõe que para conhecer um objeto a criança precisa agir sobre ele e fazer a imagem do mesmo. A criança age sobre o objeto a partir de suas estruturas internas e é a ação e a coordenação das ações que constrói essas estruturas. O desenvolvimento é um processo que se relaciona com a totalidade de estruturas do conhecimento. Já a aprendizagem apresenta o caso oposto, ela é provocada por situações externas ao sujeito. Por isso desenvolvimento e aprendizagem estão interligados, entretanto, o desenvolvimento sempre precede a aprendizagem.

Para Piaget (idem), as atividades lúdicas são o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, elas não são apenas uma forma de entretenimento, mas meios que contribuem para o desenvolvimento intelectual e afetivo e os enriquecem.

Através da brincadeira, a criança pode exercitar seus processos mentais, desenvolvendo, assim, o seu pensamento e criando vínculos com outras crianças. Brincando, a criança desenvolve seu senso de companheirismo; jogando aprende a conviver; ganhando ou perdendo procura entender regras, alcançar uma participação satisfatória na brincadeira.

Assegurar tempo e espaço para brincar através de uma atitude valorizadora e participativa da brincadeira contribui, decisivamente, para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, confirmando que brincar é, sim, aprender.

Fortuna (2003) me levou a pensar que as contribuições da brincadeira, do jogo e do faz-de-conta ultrapassa o ensino de conteúdos de forma lúdica. A partir de uma ação pedagógica que estimule o faz-de-conta, as crianças desenvolvem a imaginação e o raciocínio, propiciando o exercício da função representativa, da cognição como um todo.

Brincar desenvolve a imaginação e a criatividade. Na condição de aspectos da função simbólica atingem a construção do sistema de representação, beneficiando, por exemplo, a aquisição da leitura e da escrita. Enquanto ação e

transformação da realidade, o jogo implica ação mental, refletindo-se na operatividade, tanto no domínio lógico quanto no infralógico, ou, por outras palavras, no desenvolvimento do raciocínio. Na atividade lúdica, os aspectos operativos e figurativos do pensamento são desenvolvidos (Fortuna, 2003).

Assim, percebe-se que o faz-de-conta é mais amplo do que ensinar conteúdos, com a vantagem de oportunizar o desenvolvimento intelectual e afetivo através da ação e da imaginação de modo a criticar, selecionar e mesmo construir os próprios conteúdos.

3. Projeto Corrida Volta ao Mundo

"Para a gente viajar, não precisa muito: só a vontade, só um pouco de tempo. Basta abrir os olhos, basta fechar os olhos. Basta abrir um livro, depois fechar." Arthur Nestrovsky

O projeto de estágio foi desenvolvido em uma escola da rede estadual, numa turma de jardim B. O grupo continha 19 crianças de cinco e seis anos. O projeto ganhou o nome de corrida volta ao mundo, considerando o episódio com o mesmo nome do desenho Backyardigans, onde os cinco amigos da série viajavam pelo mundo. Este episódio foi visto pelas crianças na primeira semana de projeto.

Meu projeto do estágio valorizou a brincadeira de faz-de-conta, pois percebi que esta era desvalorizada no planejamento da professora titular da turma, apesar da sala conter todos os requisitos para promovê-la. Quando cheguei à escola, a professora titular da turma, tinha um projeto de poesias. Ela contava uma poesia por semana e propunha atividades relacionadas à poesia recitada.

Na rotina da turma havia dois momentos de brincadeira livre, durando cerca de uma hora cada. A professora usava esses momentos para olhar as agendas, colocar bilhetes e fazer planejamentos e atividades.

Nestas ocasiões as crianças podiam brincar do que desejassem, com exceção das fantasias, porque a sala ficaria muito "bagunçada". As crianças acabavam brincando sempre de papai, mamãe e filhos no canto da casinha e outras de bandido e ladrão correndo pela sala. Não se permitiam brincadeiras de faz-de-conta diferenciadas, talvez porque estas não eram incentivadas.

Como percebi que a brincadeira e o faz-de-conta não eram valorizados nessa turma, meu projeto de trabalho veio ao encontro dessa atitude. Procurei também procurando valorizar uma educação para a diversidade como porta de entrada para um amplo universo de estímulos, vivências, pesquisas e descobertas.

Primeiramente inseri uma boneca na turma, fazendo de conta que era uma nova colega, no início as crianças acharam estranho eu estar me referindo a uma boneca como se fosse uma criança de verdade. O grupo escolheu seu nome e com ela, conheceram como é o planeta terra. Escolheram os lugares por onde a

boneca viajaria e por intermédio de suas viagens conheceram o Japão, a África do Sul, a França e por fim a Finlândia. No final do projeto a Estrelinha, como as crianças a chamavam, era realmente parte do grupo, como uma colega muito bem quista por todos.

Posso relatar um episódio que demonstra o envolvimento do grupo com a Estrelinha, com o projeto e com o faz-de-conta, em uma situação que ocorreu na parte final do estágio. Nessa ocasião, a Estrelinha estava viajando para a França e a costureira estava na escola para tirar as medidas das crianças, para as fantasias da apresentação de final de ano.

A apresentação foi sobre a história do grupo, desde a entrada da Estrelinha. As viagens que eles fizeram juntos conhecendo o mundo. Algumas crianças se fantasiaram de japoneses e dançaram uma música japonesa. Algumas meninas se caracterizaram de mosqueteiras e apresentaram uma dança de ballet com uma música francesa da Carla Bruni. Os meninos se caracterizaram de pintores franceses famosos e fizeram uma apresentação pintando um quadro que foi entregue para os pais no final. Um grupo dançou capoeira, simbolizando a África do Sul. No final teve uma encenação do filme Expresso Polar, onde todas as crianças, juntamente com a Estrelinha foram até a terra do papai Noel, a Finlândia.

Sempre quando a Estrelinha ia viajar, eu e a Cléia, professora titular da turma, a escondíamos na sala da coordenadora, para que as crianças não a vissem. Naquele dia a costureira estava usando a sala da coordenadora para tirar as medidas das crianças. Enquanto eu estava na sala fazendo uma atividade com os pequenos, Cléia chamava as crianças por grupo para tirar as medidas.

As quatro primeiras meninas que foram tirar as medidas viram a Estrelinha e foram pra sala correndo pra contar.

Criança: Tu sabias que a Estrelinha está ali na outra sala, pro?

Lisiane: Como ela pode estar na outra sala se ela foi pra França?

Criança: Será que ela mentiu pra nós, pro?

Enquanto isto, a professora Cléia escondeu a Estrelinha em outro lugar e chamou as quatro meninas de volta, para ver se ela ainda estava lá.

Crianças:

- Ela não está mais lá agora. Mas eu tenho certeza que eu vi.

- Deve ter saído agora.

Quando o segundo grupo de crianças voltou pra sala, vieram com outra novidade.

Crianças:

- A Estrelinha está dentro do armário.

- Ela está se escondendo de nós.

- Mas por que pro?

- Acho que ela está brincando de esconde-esconde.

- Mas por que ela iria mentir?

Eu estava na sala “fazendo de conta” que eu não sabia daquela história. A professora Cléia chegou à sala e disse que a Estrelinha tinha contado para ela o ocorrido. Ela estava no aeroporto esperando o voo, quando lembrou que tinha se esquecido de tirar as medidas para fazer a fantasia da apresentação de final do ano. Por isso voltou correndo e já estava indo embora de novo.

Crianças:

- E por que ela não nos contou?

- Ah bom.

- Está certo. Como ela poderia ficar sem fantasia?

Chegou o último grupo que tinha ido tirar as medidas.

Crianças:

- É mesmo, ela não está mais lá.

- Ah, acho que agora ela foi mesmo.

Nesse episódio percebe-se o engajamento das crianças com o faz-de-conta e com a história da Estrelinha. Eles se envolveram na história de uma maneira

encantadora. Por isso, sempre respondiam positivamente a todas as atividades que eu propunha. Os pequenos possuíam claro interesse pelo assunto, pois era algo significativo para a turma naquele contexto. De certa forma, eles estavam engajados com a história, pois eu também estava, assim como a professora titular da turma, professoras referências dos mesmos. Demonstrando que faz-de-conta também é coisa de adulto.

Com essas viagens conhecemos a diversidade que há no mundo. Conhecemos um pouco da história de cada um desses países, através dos hábitos e atitudes vistos pela Estrelinha. Ampliamos nosso vocabulário, com a inserção de palavras em outras línguas. A participação e interação dos alunos foram muito valorizadas através das atividades que o projeto propunha, de forma mais intensa na preparação da viagem da Estrelinha e na preparação do ambiente para quando ela voltasse.

Desenvolvemos noções de valores e incentivamos a leitura por meio de lendas e contos de cada país trabalhado. Ampliamos as possibilidades de movimentos e expressão por meio de desenhos, pinturas e colagens, dramatização de histórias, expressões orais e danças, relacionados ao país estudado no momento.

Acredito que através desse projeto, desenvolvemos nas crianças o senso crítico e a criatividade, favorecendo a formação de cidadãos que respeitam e, sobretudo, valorizam as diferenças humanas.

“A escola enquanto ambiente sócio-histórico-cultura de promoção e reprodução sistemática e organizada da aprendizagem dos conhecimentos humanos acumulados historicamente, além de contribuir para a apropriação destes saberes, também promove a socialização e a interação entre os sujeitos, propiciando assim a construção do sentido de humanidade pelos mesmos.” (BOCK, 2001).

Em uma roda de conversa quando estávamos decidindo o segundo destino da Estrelinha, dei a sugestão de que ela fosse pra África do Sul. As crianças prontamente saíram com frases do tipo, a África é um lugar feio, na África tem muita gente pobre.

Comecei a conversar com eles sobre esse assunto, mostrei fotos da África e quanta coisa legal tem lá. Vimos diferença entre continente e país, África e África do Sul e que a África é muito grande, têm alguns lugares pobres, outros não.

Conhecemos muitas coisas interessantes da África do Sul. Trabalhamos com a valorização da beleza negra e as diversidades físicas que as pessoas têm, dependendo do lugar de origem. Quando a Estrelinha voltou da África do Sul as crianças já possuíam outra visão desse país.

Com as atividades que propus ao longo do projeto pude perceber que nem sempre as crianças respondem da mesma forma as atividades solicitadas. Logo no início do projeto, quando ainda estávamos vendo o planeta Terra, propus a construção do globo terrestre. Sendo assim, cada criança poderia acompanhar todo o percurso da Estrelinha no mundo, marcando o país onde ela se encontrava no seu próprio globo. Também construímos, conjuntamente, um globo maior que deixamos na sala de aula para acompanharmos juntos.

Já nessa atividade pude perceber as diferentes fases e ritmos em que as crianças se encontravam. Expliquei a atividade e distribuí os materiais, mapas e bolas de isopor. Primeiramente todos pintaram as bolas de azul, simbolizando a água. Quando foram colar os mapas é que as diferenças das crianças se tornaram claras.

Algumas ficavam procurando correspondência geométrica com o globo exposto na sala de aula. Outras colaram conforme as cores, mesmo as cores não tendo relação com o seu mapa em relação ao mapa do globo maior. Algumas não fizeram relação nenhuma apenas distribuíram aleatoriamente. Mas todos conseguiram concluir seu globo, a produção das crianças foi valorizada e eles levaram para casa, satisfeitos com o trabalho produzido.

A partir desse momento, comecei a refletir e me dei conta de que nem todas as crianças responderiam as atividades propostas da forma que eu havia idealizado, pois elas não são iguais e há muita diversidade nas possibilidades de aprendizagem de cada uma: diversidade intelectual, física, corporal, de tempo, ritmo de formas de aprender, de caminhos para aprender como aponta (Dorneles 2001).

Isso me ajudou a pensar nas atividades que eu iria propor para a turma. Pensando sempre em propostas que pudessem ter mais de um resultado, mas que também trabalhassem de maneira que todas as crianças pudessem se desenvolver, desafiando-as. Ao mesmo tempo, tomando cuidado para que todos os alunos obtivessem êxito, não deixando lugar para o desânimo e o sentimento de incompetência.

Através desse projeto as crianças aprenderam que as pessoas são diferentes fisicamente, que tem costumes, tradições, arte, música e culinária bem distintas da nossa cultura. Vimos também que mesmo dentro do Brasil, somos muito diferentes, pois temos origens diferentes. Dentro da nossa própria sala de aula tínhamos muitas diferenças, existiam crianças negras, pardas, morenas, loiras, magras, gordas, altas, baixas, extrovertidas, falantes, tímidas. Discutimos sobre o fato de que todas as pessoas deveriam ser tratadas da mesma forma, valorizando o que cada uma pode fazer de melhor.

Muitas vezes fizemos roda de conversa, tanto nos momentos em que a Estrelinha iria viajar (escolha do país e o que sabiam sobre ele), como também quando a Estrelinha voltava (o que aprenderam sobre o país estudado).

Nesses momentos, todas as crianças tinham a oportunidade de falar e desejavam falar, até os mais tímidos. Eram de extrema importância para eles, as viagens e os países visitados pela amiga. Eles queriam mostrar os conhecimentos que possuíam sobre o tema, traziam materiais de casa relacionados ao país estudado, demonstrando a importância que atribuíam ao projeto e o envolvimento da família no mesmo.

Em uma brincadeira que fizemos quando estávamos estudando a África do Sul, as crianças deveriam imitar um bicho, dos quais nos já tínhamos visto que existiam na África do Sul. Quase sempre as crianças faziam o barulho correspondente ao bicho, mas como algumas tinham o tom de voz muito baixo, solicitava que elas imitassem um bicho que pelos movimentos era possível descobrir qual era. Se elas queriam imitar um bicho com sons, solicitava que todos prestassem muita atenção, pois o colega tinha o tom de voz baixo, pra podermos descobrir qual bicho era. Assim, incentivando sempre todas as crianças a participarem de todas as atividades, dentro das possibilidades de cada um.

Em uma gincana que propusemos no dia das crianças, foram formados grupos e depois as professoras entregaram uma tarefa para cada grupo realizar. Juntando essas tarefas as crianças conseguiriam achar o tesouro. Entregamos as tarefas conforme percebemos que o grupo faria com êxito. Tarefas que envolviam corrida, saltos entregamos para crianças mais agitadas. Tarefas que precisavam concentração, para crianças com essa qualidade mais aguçada. Tarefas de agilidade para crianças que possuíam esse domínio.

Assim todos ajudaram a completar a tarefa com êxito, cada um fazendo o que pode fazer de melhor. Portanto, incentivando o pertencimento de todas as crianças ao grupo e, ao mesmo tempo, valorizando as singularidades de cada uma.

Mas como perceber qual criança é mais ágil, mais esperta, ou mais concentrada? Através das brincadeiras podemos perceber todas as qualidades das crianças, pois é o momento em que elas são mais verdadeiras. Nestas ocasiões devemos observá-las para poder ter conhecimento das características de cada uma.

Assim, a partir do meu projeto e a partir do faz-de-conta as crianças aprenderam sobre vários “conteúdos escolares”, desejando aprendê-los. Quando escolhíamos o país, elas se interessavam em saber como era o tempo naquele local, se era frio ou calor para saber como deveriam vestir a Estrelinha para a viagem. Assim, estudamos muitas coisas da geografia, as estações do ano, o fuso horário, sol da meia noite (quando a Estrelinha foi pra Finlândia, etc.).

A disciplina de história foi muito valorizada também. Pesquisamos os lugares aonde a Estrelinha iria dentro de cada país. Na França, estudamos os museus, castelos, a torre Eiffel e as histórias sobre os castelos. No Japão aprendemos muitas lendas japonesas que marcam a história desse país, o que deu origem a idéia de fazermos na sala de aula uma verdadeira primavera japonesa por meio da confecção de árvores Sakura, específica do Japão na época da primavera.

Estudamos até mesmo química, uma área que muitas pessoas pensam ser impossível na educação infantil. Misturamos produtos e essências para criamos os nossos perfumes franceses.

A linguagem e a escrita era sempre valorizadas nas atividades de contação de história e nas atividades que as seguiam, assim como na criação do mural das palavras em diferentes línguas.

A professora um dia me disse que não via matemática no meu projeto, que eu deveria valorizá-la mais. Observa-se, na matemática escolar, uma ênfase em procedimentos de cálculos e perda da exploração de situações, nas quais os alunos não conseguem encontrar sentido para sua atividade. O resultado dessa prática é desolador. Os alunos não desenvolvem conhecimentos numéricos no vazio, nem conseguem aplicá-los, com significado (Canan e Real, 2002).

Provavelmente a professora titular fez esse comentário, pois não visualizava cálculos formais no meu projeto, desconhecendo que a matemática está a todo o momento na sala de aula, mas nem sempre da maneira formal.

No meu projeto a matemática esteve inserida desde a escolha do nome da Estrelinha, pois tínhamos que contar qual nome tinha mais votos e, como consequência, fizemos um gráfico de barras. Nas escolhas dos países, sempre havia votação. Na divisão dos presentes que a Estrelinha trazia para eles quando voltava de viagem a matemática estava presente.

A importância da representação para o raciocínio consiste na possibilidade de diferentes organizações de uma mesma tarefa ao serem usadas diferentes representações (Selva 1998). As crianças possuem diferentes formas de entendimento, talvez para umas, a contagem por palitos no quadro já bastasse. Mas, para outras, talvez não tivesse ficado claro. Com outros tipos de representação, como no gráfico de barras o entendimento se deu por todos. Por isso, a importância de se valorizar todos os tipos de representações, principalmente na matemática com crianças pequenas.

A arte também teve grande importância nesse projeto. Foram confeccionados bonecos, globos, máscaras, chapéus, fantasias, roupas específicas dos países estudados. As construções dos brinquedos ofereciam muito prazer aos alunos, pois eles podiam levar para casa e brincar, com esse brinquedo carregado de significados para eles.

Todas essas atividades propostas para os pequenos foram bem aceitas por todos. As crianças desejavam fazer tudo o que eu propunha, pois as atividades estavam ligadas ao interesse das mesmas. Tudo era uma grande brincadeira, uma brincadeira carregada de emoções e conhecimentos para eles e com finalidades bem definidas para mim.

Conforme Moyles (2002), os “conhecimentos formais” podem ser articulados com uma cultura lúdica, conhecimentos de ciência, história, geografia, capacidade de ler e escrever, fazer operações matemáticas. Conforme os recursos lúdicos oferecidos pela escola ou pelo ambiente pré-escolar, as crianças mobilizarão seu conhecimento anterior para criar um contexto lúdico no qual elas podem usar e articular o conhecimento curricular “formal”.

Como o projeto que desenvolvi, as crianças podiam utilizar e ampliar seus conhecimentos sobre lugares (países do mundo), linguagem (através de inserção de palavras em outras línguas, através da constituição da nossa história, a história da Estrelinha), matemática (através das noções de longe e perto desenvolvidas nas

comparações da distância entre os países, conhecimentos de medidas), geografia (tempo, estações do ano, flora e fauna dos países).

Na verdade, é muito mais fácil proporcionar um programa de ensino amplo e equilibrado através desse tipo de atividade, ao invés de atividades na sala de aula ou em folhas de exercício. Experiências de aprendizagem semelhantes a essas que foram descritas têm mais chance de proporcionar às crianças com menos de onze anos um leque mais amplo de habilidades e conhecimentos do que os programas de ensino baseados em matérias (Moyles, 2002).

4. Contribuições do faz-de-conta na Educação infantil

A educação infantil é um espaço de construção de conhecimento e de trocas significativas. É nesse espaço, que pode formar-se crianças autônomas, críticas diante do aprender ou, ao contrário, posturas dependentes, passivas, inseguras, que acabam por colocá-las em situações de risco de desenvolver problemas de aprendizagens futuras.

Geralmente, quando se fala em dificuldades de aprendizagem, logo se pensa na escolarização formal, ou seja, a partir do primeiro ano. Presos nessa idéia estamos perdendo a gama de informações que se pode ter pela educação infantil (Corso, 2008).

“Mais do que detectar as dificuldades de aprendizagem, a educação infantil precisa ter como foco sua prevenção” (Corso, p. 24, 2008). A autora afirma que isso pode acontecer se garantirmos uma educação infantil de qualidade, ou seja, lugar para os diferentes tipos de expressão, para a brincadeira, para o faz-de-conta, para o desenvolvimento da sensibilidade e das trocas sociais.

Acredito que um projeto que tenha como foi condutor o faz de conta pode englobar todos esses requisitos. Antunes (2000) nos lembra que o brincar previne problemas emocionais, de inteligência, baixa auto-estima, entre outros distúrbios na vida adulta.

Nos próximos subcapítulos irei analisar as contribuições do faz-de-conta para atender as diversidades e prevenir as dificuldades de aprendizagens das crianças nessa fase de desenvolvimento.

4.1 Faz-de-conta na educação infantil: uma possibilidade de atender a diversidade.

Pelos conhecimentos que se possui na educação sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil, sabemos que é necessário considerar que esses processos são seqüenciais. “As etapas são as mesmas para todos os

indivíduos, mas existe uma trajetória individual e um ritmo maturacional próprio de cada criança que devem ser respeitados” (Corso, 2008). Estamos nos referindo aqui a diversidade presente no aprender.

Os estudos advindos da neurologia tem nos confirmado que há muita diversidade nas possibilidades de aprendizagem dos seres humanos: diversidade intelectual, física, corporal, de tempo, ritmo de formas de aprender, de caminhos para aprender. Como diz Fischer (1998, citado por Dorneles, 2001), “a irregularidade no desenvolvimento é a regra e não a exceção”. Portanto, a aprendizagem é um fenômeno complexo, que envolve todos esses componentes influenciando e determinando o ritmo de desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.

Atender a essa diversidade na educação e, principalmente na educação infantil, é um desafio para os professores, pois o desrespeito ao tempo da criança e à sua maneira de aprender, somado a não valorização do seu saber, são pontos de partida para a construção de dificuldades de aprendizagem (Corso, 2008). O sucesso não vem por si só para todas as crianças. Os professores precisam ter a concepção de diversidade e singularidades que estão em todos os alunos, como forma de ajudá-los nesse processo.

Com uma postura contrária a essa, o professor acaba por omitir-se da responsabilidade sobre aqueles que não aprendem no ritmo que se idealiza. Por consequência, cada criança que o professor não tiver a sensibilidade de entender suas singularidades, seu ritmo, a sua forma de aprender, será uma criança com grandes possibilidades de evasão escolar. Assim, se processa o episódio que vemos se repetir inúmeras vezes nas escolas, crianças que não conseguem aprender, evadem quando chegam a certa idade. Automaticamente essas crianças são excluídas da escola, são inseridas em outros grupos: das crianças de rua, do trabalho infantil, das gangues, entre outros (Dorneles, 2001).

Outra consequência de uma postura, por parte do professor, em que não se consideram essas diferentes fases em que as crianças se encontram, além de não atender a todos, tal situação pode gerar preconceitos nas próprias crianças. Quando comecei a propor as atividades em grupo, no projeto que desenvolvi no meu estágio, as crianças já possuíam preconceitos em relação a alguns colegas, possuíam uma visão negativa dos mesmos: que não aprendem, que não conseguem fazer direito, que demoram muito.

Quando eu cheguei nessa sala de aula, as atividades que eram propostas não favoreciam a socialização, pois a professora preconizava o silêncio nas atividades, e os pequenos acabavam por fazer suas atividades individualmente. Torna-se claro a busca, por parte da professora, do nivelamento do grupo. Dessa forma, todos deveriam fazer sozinhos, a mesma atividade, no mesmo tempo. Provavelmente, neste contexto foram criados os preconceitos, citados acima, das crianças. Talvez pelo motivo que a professora valorizava apenas os alunos que terminavam no tempo e faziam como a ela havia idealizado. Desta forma, a professora tornava a sala de aula pobre de momentos para a imaginação e socialização, não contribuindo para um desenvolvimento saudável das crianças.

Pelo fato da socialização nessa sala de aula não ser estimulada, as atividades propostas no início do projeto, atividades em grupo, geravam muitos conflitos, pois algumas crianças não queriam trabalhar com determinados colegas por preconceito, colegas que não eram os ideais para essa professora. Esse acontecimento era agravado pelo fato que as crianças estavam em diferentes fases de desenvolvimento e por serem extremamente egocêntricas, o que é normal para a idade. Só que a não socialização dessas crianças acabavam por reforçar essas condutas.

Algumas das crianças daquela turma já estavam desenvolvendo uma relação pouco prazerosa com o aprender, pois elas não se viam capazes. No início do projeto, quando eu propunha a atividade, algumas diziam rapidamente que não conseguiriam fazê-la, que necessitavam de ajuda. Sabe-se que através das brincadeiras, também, pode-se trabalhar com a dificuldade que muitas crianças apresentam em desistir de algo quando aparece algum empecilho, por pequeno que seja (Medeiros, 2002).

Pensando nisso, trabalhando o projeto por meio de brincadeiras e do faz-de-conta, e com uma postura, da minha parte, de valorização de todas as produções, essas crianças começaram, cada vez mais a gostar de produzir e dos resultados que viam (auto-imagem). Por conseqüência, os colegas começaram a aceitá-las melhor e a própria relação entre os alunos revigorou-se.

Por isso é tão importante, desde a educação infantil, que os professores tenham consciência de que cada criança está numa fase de maturação diferente e que cada uma tem o seu tempo e seu ritmo de aprender, assim nos ajuda a pensar

em estratégias, atividades, para que todos possam obter sucesso e consigam realizá-las.

Para fazer intervenções significativas o professor deve conhecer os seus alunos, com as suas potencialidades e dificuldades. Uma ferramenta para a aquisição desse conhecimento por parte do professor é a brincadeira de faz-de-conta, pois nela as crianças nos mostram da forma mais pura os seus medos, dificuldades e potencialidades. (Santos, 1998)

Tendo isso em vista, se torna imprescindível que os professores compreendam e acompanhem o faz-de-conta das crianças, e isso significa comprometer-se com a prática pedagógica relacional, onde o professor faz suas proposições didáticas a partir da lógica do desenvolvimento infantil, oportunizando para as crianças se desenvolverem de acordo com as suas possibilidades.

É também, a partir desses conhecimentos, que o professor terá subsídios para flexibilizar as atividades dentro da sua sala de aula. Acredito que, em algumas circunstâncias, a mesma atividade pode ser oferecida a todas as crianças, mas com objetivos específicos para cada uma. Posto que, o professor deve intervir individualmente com os pequenos para que avancem a patamares cognitivos cada vez mais complexos, mas sem interferir no ritmo de aprendizagem de cada um.

Assim, oferecendo a todas as crianças situações em que possam vivenciar o sucesso. Vivências dessa ordem são significativas para a regulação da auto-estima que, por sua vez, desempenha um papel essencial para a aprendizagem. Dessa forma, os pequenos se sentirão produtivos, parte do grupo, o que deixará sua auto-estima sempre positiva, assim evitando espaço na sala de aula para o desânimo, o desinteresse e por consequência o fracasso escolar (Curso, 2008).

Outro fator que auxilia nesse sentimento de sucesso, é propor atividades que possibilitem aos alunos sentir prazer em desenvolvê-las. E isso se torna possível se os conteúdos forem trabalhados de forma lúdica. Pois, dessa forma, as crianças aprendem brincando e assim gostam cada vez mais de aprender. Já que se sabe que um conteúdo sistematizado, quase sempre, não abrange todas as crianças, mas um conteúdo trabalhado de forma lúdica desenvolve a todos por abrir um leque de caminhos de desenvolvimento, através da imaginação e da percepção de cada um conforme seus conhecimentos sociais, culturais e níveis de maturação em que se encontram.

Através do projeto “Corrida Volta ao Mundo” trabalhamos com muitos conteúdos, ditos escolares, geografia, história, matemática, química, leitura e escrita, etc. Mas sempre o fazíamos através do lúdico, por isso tornou-se uma aprendizagem agradável e prazerosa. Desta forma, os pequenos conseguiram se apropriar dos conteúdos, ressaltando, é claro, que de modos diferentes e conforme a fase de desenvolvimento, de maturação em que as crianças se encontravam. Também estão relacionados nesse processo de aquisição de conhecimentos, os assuntos que mais interessam a cada criança, conforme seus conhecimentos culturais, sociais, etc.

Deste modo, um projeto norteado pelo faz-de-conta, como o que eu produzi com as crianças, proporciona esse respeito às singularidades, pois é um projeto que permite estar em constante mudança visando assim, a construção de saberes pelo grupo, conforme suas necessidades e interesses. São estes interesses e necessidades que deram subsídios para a continuação do projeto. Eu sempre partia do que eles sabiam e do que eles estavam interessados em saber de cada país para dar continuidade ao projeto e as pesquisas.

Acredito sim que uma educação que valorize o faz-de-conta pode atender a todos os tipos de criança dentro de uma sala de aula. Para o projeto alcançar a todos o professor precisa ter a sensibilidade de propor atividades que estejam de acordo com capacidades individuais das crianças. Esse processo se torna mais fácil e prazeroso se feito de forma lúdica, tanto para professores como para os alunos.

4.2 Faz-de-conta na educação infantil: uma possibilidade de prevenção de dificuldades.

Sabemos que quando as crianças aprendem brincando, passam a gostar cada vez mais de aprender e acabam assumindo um papel ativo diante deste processo. Este é um princípio básico, segundo Piaget (1978), para a construção do conhecimento.

Através do projeto, “Corrida Volta ao Mundo” valorizei o faz-de-conta, pois esse não era desenvolvido naquela sala de aula. Elaborei com o grupo o projeto que

foi se constituindo a partir de um planejamento inicial (mais centrado no professor) e de uma reflexão constante das propostas que seriam mais adequadas para atender a diversidade de interesses (ação constante das crianças).

Primeiramente inseri a Estrelinha e a idéia de que ela viajaria por várias partes do mundo. As crianças se interessaram muito em saber como eram esses outros países por onde ela iria. Sempre partíamos dos conhecimentos que eles já possuíam de cada país, fazendo assim, com que quisessem saber mais sobre os mesmos. Portanto, os conteúdos que trabalhamos se tornaram significativos para os pequenos, um conteúdo permeado pela brincadeira, não deixando de ser conteúdos escolares, mas trabalhados de forma lúdica, assim dando prazer para as crianças em aprendê-los.

Através das brincadeiras e das atividades que desenvolvemos no projeto pude perceber, logo no início, que as crianças estavam em níveis cognitivos diferentes. A partir dessa constatação, comecei a propor atividades que não focavam em apenas um resultado, mas sim em uma gama de possibilidades, valorizando o que cada criança podia fazer de melhor na etapa de desenvolvimento em que se encontrava. Isso era possível, pois todas as atividades eram desenvolvidas por meio do lúdico, propostas que atendiam as individualidades e o caminho do aprender de cada aluno.

Nesta perspectiva, ajudamos as crianças a construírem uma auto-estima positiva, valorizando cada conquista realizada. Este é um ponto crucial na prevenção das dificuldades de aprendizagem, ou seja, desde o início da infância possibilitar que a aprendizagem seja vivida de forma prazerosa e significativa para o aluno e que este possa construir uma auto-imagem de aprendiz capaz de ir em busca do seu próprio conhecimento (Curso, 2008). Através das brincadeiras a criança percebe-se como alguém que tem condições de criar. Ela desenvolve sua autoconfiança, sua autonomia, sua flexibilidade de pensamento. (Medeiros, 2002), além de contribuir para o prazer em produzir as atividades em sala de aula.

Outro fator bastante defendido na área da psicopedagogia, em termos de prevenção de dificuldades, é que todas as atividades desenvolvidas devem possibilitar que a criança vivencie o sucesso. Na educação, mas principalmente na educação infantil, onde não se tem a obrigatoriedade de passar conteúdos formais, é fundamental que a criança possa perceber-se capaz de realizar as atividades oferecidas. Se o oposto ocorrer e, desde cedo, a criança não se percebe capaz,

pode torna-se mais fragilizada para aprender, desenvolvendo uma relação negativa com a aprendizagem. Tal relação pode colocá-la em risco de desenvolver dificuldades para aprender (Corso, 2008).

O prazer em fazer as atividades está ligado à vontade de aprender. E essa vontade de aprender está diretamente relacionada com sucesso e fracasso escolar. A educação escolar deve objetivar manter seus alunos em situação de constantes aprendizagens, mas muitas vezes a correria do dia-a-dia acaba por abafar esse processo e torna o prazer pelo aprender cada vez mais complicado, deixando espaço para o fracasso na aprendizagem (Weiss 2000).

Como exemplo do vivenciar o sucesso, no meu projeto, trago a atividade de produção do globo terrestre, já relatada anteriormente. Expliquei a proposta deixando claro que ela poderia ser feita de várias maneiras. Cada um produziu conforme a sua concepção, sendo todos os globos valorizados igualmente. Como resultado, tivemos produções totalmente diferentes umas das outras, o que tornou o trabalho muito rico.

Nesta atividade, conforme as crianças iam produzindo os globos, eu ia, individualmente, conversando com elas para que pensassem no trabalho produzido, tentando fazer com que avançassem o seu pensamento inicial. É necessário favorecer o sucesso dos pequenos em todas as atividades, mas não podemos esquecer da importância de provocá-los a fim de fazê-los avançar para níveis cognitivos mais complexos.

O prazer em fazer as atividades é outro ponto que auxilia as crianças a experimentar o sucesso. Aos educadores envolvidos com o processo de aprendizagem cabe resgatar nas crianças o gosto pelo aprender, à vontade pela busca de conhecimento. Sabe-se que na educação infantil não existe obrigatoriedade de conteúdos. Portanto, os conteúdos trabalhados com os pequenos devem partir dos seus interesses, fazendo com que eles desenvolvam o gosto pelo aprender. Isto só será alcançado se o professor for capaz de valorizar os conhecimentos prévios das crianças, colaborando assim para a construção de uma auto-imagem e uma auto-estima positiva e favorecendo o sentimento de pertencimento de grupo.

Outro aspecto importante de ressaltar, em relação à prevenção de dificuldades de aprendizagem na educação infantil, diz respeito à importância do sentimento de pertencimento ao grupo que o brincar e a brincadeira oportunizam. A

brincadeira, e principalmente a brincadeira de faz-de-conta, dos quatro aos seis anos, contribui para o bom desenvolvimento da socialização da criança. Nessa fase pode-se observar o surgimento do verdadeiro grupo de jogo, como aponta Santos (1998).

Se a criança não se envolve com o grupo ou este não a envolve, começa haver um baixo nível de participação e envolvimento nas atividades e, conseqüentemente, o isolamento que interfere no desempenho escolar. A transmissão e a valorização da brincadeira é uma maneira de levar o indivíduo à condição de membro de um grupo gerando laços de pertencimento e compromisso (Fortuna, 2004).

Por isso é tão importante um projeto apoiado no lúdico na escola de educação infantil, pois valoriza o envolvimento das crianças. Através de brincadeiras proporciona-se a elas uma forma rica de interação. Elas se socializam entre si, além de aprenderem umas com as outras e conviverem com as diferenças.

Através do projeto, “Corrida Volta ao Mundo”, pude perceber em vários momentos, o simbolismo coletivo, como chama Piaget. Os pequenos reproduziam e criavam cenas através de atividades em grupo, cenas essas coletivas, quase teatrais, mas sem enredo fixo, contando apenas com a imaginação dos mesmos. Exemplos dessas cenas, vividas por todo o grupo, são percebidos nas atividades de preparação da mala da Estrelinha para ela viajar. Após o estudo das condições climáticas de cada país, as crianças conversavam entre si e com a própria Estrelinha, para decidir que roupa cada um traria de casa para colocarem na mala da boneca.

Tornou-se claro que as atividades de faz-de-conta favoreciam o relacionamento e participação ativa dos pequenos nas atividades, caracterizando em cada um o sentimento de sentir-se um ser do grupo e um ser social. No caso do projeto desenvolvido, cada criança era um personagem participante da viagem da Estrelinha.

Os momentos de faz-de-conta na sala de aula também são ricas oportunidades de troca entre professores e alunos. Momentos esses, que o professor pode ter um olhar mais atento ao aluno, ver a criança como um ser individual com suas potencialidades e singularidades, pois brincando as crianças se mostram de uma forma mais verdadeira.

É por meio deste olhar e de uma escuta cuidadosa que os professores de educação infantil irão conhecer verdadeiramente os seus alunos. Observando como as crianças brincam e interagem com os colegas, como resolvem os seus conflitos, como expressam os mais diversos sentimentos e como se relacionam com o conhecimento.

A partir dessas informações o professor terá mais subsídios para propor atividades diferenciadas, sabendo o que ele pode exigir de cada aluno, o que cada aluno consegue fazer naquele momento e não o que o professor idealiza que ele faça. Uma educação que possui uma postura promotora de desenvolvimento e preventiva de dificuldades é uma educação que aceita as crianças com suas necessidades, seus interesses e suas possibilidades daquele momento de vida.

Considerando o exposto acima fica evidente que nós educadores devemos estar sempre atentos aos nossos alunos, visando perceber se eles estão desenvolvendo uma relação prazerosa com o aprender. Uma maneira de tornar as aprendizagens prazerosas e significativas, bem como lembra Corso (2004) é propondo atividades que tenham sentido na vida do aluno, atividades adequadas ao grupo, adequadas ao nível cognitivo desses alunos, e de cada um em especial, para que todos consigam ter sucesso. Por isso defendo que um projeto de faz-de-conta pode auxiliar nesse contexto, pois além de favorecer o prazer pelo aprender possibilita uma flexibilização das atividades.

Dessa forma, ao ensinar com respeito às individualidades e potencialidades de cada criança, na perspectiva do lúdico, estaremos mais próximos de prevenir os fracassos escolares e de promover a saúde emocional dos alunos, favorecendo, deste modo, a construção de uma relação saudável e prazerosa com a aprendizagem desde a educação infantil.

Considerações finais

Ao iniciar esta pesquisa eu tinha dois objetivos iniciais. O primeiro era problematizar a desvalorização do faz-de-conta nas escolas de educação infantil já que muitos professores vêem esse momento apenas como uma brincadeira livre oferecida às crianças quando não se planejou nada ou quando o professor tem que fazer outras atividades. O meu segundo objetivo era demonstrar a importância de um planejamento que aborde o faz-de-conta como um espaço onde se pode ajudar as crianças a se desenvolverem de forma mais rica e criativa e como um momento que pode gerar ricas aprendizagens.

Ao iniciar o estudo do faz-de-conta, para poder entender melhor esse momento das crianças, me deparei com a dificuldade de achar uma terminologia unificada e consensual para designar o faz-de-conta. Termos como “jogo infantil” (FREUD), “jogo simbólico” (PIAGET), “brinquedo” (VIGOTSKY), “jogo de papéis” (ELKONIN), “jogo dramático” (PETER SLADE), “dramatização” e, até mesmo, “teatro infantil” tem sido utilizados, indistintamente, para se referirem às ações representacionais lúdicas de natureza dramática da criança.

Aprofundei-me nos autores Piaget e Vigotsky para o estudo do tema, o que gerou muitas aprendizagens para mim como pesquisadora e como futura profissional da área de educação para crianças pequenas. Aprendi que dentro desse jogo existem várias fases de desenvolvimento e que as crianças percebem diferentemente o faz-de-conta, conforme a idade e a fase de maturação em que elas se encontram. Consegui também entender melhor as crianças com as quais eu desenvolvi meu estágio curricular, podendo inseri-las em uma fase definida, conforme Piaget chama, de simbolismo coletivo.

Quando eu iniciei meu estágio curricular, pensando na idéia de inserir a Estrelinha (uma boneca que seria uma nova integrante do grupo), fiquei um pouco receosa do que as crianças iriam pensar e se iria dar certo. Se eles não achariam minha proposta muito infantil, já que tinham de cinco a seis anos.

Com os estudos das fases de desenvolvimento do faz-de-conta, percebo agora, que na fase do simbolismo coletivo, onde as minhas crianças do estágio se encontram, há uma intensa busca pela aproximação com o real, mas elas não deixam de exercitar a imaginação. Posto que, as crianças nessa fase conseguem representar, desenvolver cenas coletivas cênicas, que foi realmente o que eu propus na época do estágio e por isso tive resultados muito positivos, mesmo sem ter esses conhecimentos.

Ao iniciar o projeto, eu tinha o conhecimento de como o jogo de faz-de-conta era importante para o desenvolvimento infantil e para as aprendizagens dos pequenos, adquiridos durante o curso de pedagogia. Mas, eu não possuía a dimensão dos benefícios de um projeto de trabalho norteado pelo faz-de-conta, como eu possuo hoje após ter desenvolvido esse estudo.

Refletindo sobre o meu estágio curricular e as atividades que eu desenvolvi naquele grupo eu pude ter outro olhar para o faz-de-conta, um olhar pelo viés da psicopedagogia, que me levou a estudos nessa área. Hoje percebo que, a partir do faz-de-conta, podemos promover ricas aprendizagens, atender às diversidades e prevenir dificuldades de aprendizagem desde a educação infantil.

Tendo em vista que através do lúdico e do faz-de-conta os professores conseguem desenvolver um olhar mais atento aos seus alunos, ele consegue perceber melhor os interesses, conhecimentos prévios dos pequenos, suas dificuldades, potencialidades e desejos, pois nessas brincadeiras as crianças se mostram na sua forma mais pura. Dessa maneira os educadores podem propor atividades que adequadas ao nível de cognitivo de cada um, respeitando os tempos, ritmos, formas e estilos de aprender de cada criança.

Ao iniciar o meu projeto, eu não sabia que conteúdos deveria trabalhar com as crianças, já que na educação infantil não se tem a obrigatoriedade de conteúdos. Naquele momento, eu não possuía a dimensão do que estava ao alcance das aprendizagens dos mesmos. Propus um projeto voltado para o faz-de-conta, mas aberto, a fim de descobrir o que as crianças gostariam de aprender. Assim, os conteúdos foram construídos junto com o grupo de crianças.

Dessa forma, aprendi com os meus estudos e minha prática que, não se pode pensar que as crianças são imaturas para adquirirem aprendizagens de assuntos mais complexos só porque elas são pequenas. Portanto, posso afirmar que é possível abordar qualquer assunto com as crianças de educação infantil, principalmente as crianças do jardim B que foram as quais eu tive mais contato. As crianças nos surpreendem com a quantidade de informações que possuem sobre os assuntos e com a capacidade de aprendizagem que eles têm nessa idade.

Então concluo que, a partir do faz-de-conta, pode-se prevenir dificuldades de aprendizagem, atender as diversidades das crianças nessa fase de desenvolvimento, além de promover ricas aprendizagens das mais diversas áreas do conhecimento de forma prazerosa para os pequenos.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, C. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. Psicologia Sócio - Histórica. São Paulo: Cortêz, 2001.

BUSCH, Ana e Vilela, Caio. Um mundo de crianças. São Paulo: Pando Bokks, 2007.

BOMTEMPO, E. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO (Org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1997.

BRANDE, C. A. Piaget e Vigotsky: pontos de aproximação e distanciamento entre os estudos realizados. Revista do professor. Porto Alegre: v. 22, n. 85, 2006.

CORSO, L. V. Dificuldade na compreensão da leitura: uma abordagem metacognitiva. Revista psicopedagogia. São Paulo: vol. 21, n. 66, 2004.

CORSO, L. V. Dificuldades de aprendizagem e educação infantil. Pátio Educação Infantil. Porto Alegre: vol. 6, n 16, 2008.

DORNELES, Beatriz Vargas. Aprendizagem, Avaliação e Sucesso Escolar: a diversidade como parâmetro (em produção). Encontro Nacional de Educação, SMED, Porto Alegre, maio de 2001.

FORTUNA, T.R.; BITTENCOURT, A.S.D. Jogo e educação: o que pensam os educadores. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FORTUNA, T. R. O brincar na educação infantil. Pátio Educação Infantil. Porto Alegre: v.1, n 3, 2004.

FREDDO, T. M. Ser criança é tempo de brincar. Revista de Filosofia e Ciências Humanas. Passo Fundo, v.16, n.1: 2000

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. Pro-Posições, v. 6, n. 2, São Paulo: Unicamp, 1995.

LEONTIEV, Aléxis. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar, In: VIGOTSKY, Lev; LURIA, Alexander; LEONTIEV, Aléxis. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, Editora Universidade de São Paulo, 1988.

MEDEIROS, Maria Elisa Schuck. O jogo e sua função na prática psicopedagógica. In: BECKER, Fernando (coord.) Função simbólica & aprendizagem. Porto Alegre, 2002.

MOYLES, J. Só brincar? O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NESTROVSKI, Arthur. Viagens para lugares que eu nunca fui. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

OLIVEIRA, M. K. Vigotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Y. de. Piaget, Vigotsky e Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVIER, G. G. de F. Lúdico na escola: entre a obrigação e o prazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). Lúdico, educação e educação física. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

PEREIRA, Lucia Helena P. e BONFIN, Patrícia V. Brincar e aprender: um novo olhar para o lúdico no primeiro ano do Ensino Fundamental. Revista do Centro de Educação UFSM, Vol. 34, 2009.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, J. A construção do real na criança. São Paulo: Ática, 2008.

REAL, Luciane M. e CANAN, Silvia R. O jogo simbólico na educação infantil: brinquedo e necessidade. In: BECKER, Fernando (coord.) Função simbólica & aprendizagem. Porto Alegre, 2002.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Promovendo o desenvolvimento do faz-de-conta na educação infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis (Org.) Educação Infantil: p'ra que te quero?. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Jogo Simbólico e aprendizagem do teatro: processos convergentes ou práticas incompatíveis? In: BECKER, Fernando (coord.) Função simbólica & aprendizagem. Porto Alegre, 2002.

SELVA, A. C. V. Discutindo o uso de materiais concretos na resolução de problemas de divisão. In: Schliemann, A. & Carraher, D. (Orgs.) A compreensão de conceitos aritméticos: ensino e pesquisa. São Paulo: Papirus. 1998.

VIGOTSKY, L. S. A imaginação e a arte na Infância. (Ensaio psicológico), 1987.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WAJSKOP, G. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez, 2005.

WEISS, M. L. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.